



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ZELIRA MENDES EICHENBERG

(Depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias
Número da entrevista: E-102
Entrevistado: Zelira Mendes Eichenberg
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Luanda Dutra
Data da entrevista: 18/05/2005
Transcrição: Ana Maurmann
Conferência Fidelidade: Ana Maurmann
Copidesque: Marco de Carvalho
Pesquisa: Marco de Carvalho
Fitas: (01 fita) 102/01-A e 102/01-B
Total de gravação: 33 minutos
Páginas Digitadas: 15
Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel
Número de registro: 01932/2008/01
Número de registro da fita: 01932/2008/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

EICHENBERG, Zelira Mendes. *Zelira Eichenberg (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início do envolvimento com a Educação Física, com a ESEF; disciplinas; envolvimento dos colegas; participação no diretório acadêmico; influência da ditadura militar; curso com deficientes visuais; uso do uniforme; período como professora: aula em escolas, cursos da APEF, envolvimento com a ginástica rítmica; trabalho com a GRD; Pós-graduação na ESEF; transformações no currículo da Escola; greves; envolvimento na ASSURFGS e ADUFRGS; infra-estrutura da Escola; fatos marcantes da ESEF.

Porto Alegre, 18 de maio de 2005. Entrevista com Zelira Mendes Eichenberg, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. – Então Zelira, por que tu optaste por Educação Física?

Z.E. – Na verdade, aos quatro anos e meio de idade, eu iniciei nas atividades físicas com o ballet. Fiz 25 anos de ballet. Eu acho que já era preparada para a atividade física, mas o meu terceiro ano científico - naquela época era científico - eu me preparei para engenharia. Então foi uma diferença muito gritante assim, mas eu fiz o cursinho de iniciação que o centro acadêmico dava. Terminei optando porque era aquilo mesmo que eu queria. Então foi a escolha sem saber que eu estava escolhendo realmente o que eu queria para mim.

L.D. – E tu tiveste apoio dos teus pais nessa mudança de engenharia para educação física ou foi conturbado?

Z.E. – Não, não foi conturbado. Eu acho que estava tão motivada que a minha motivação foi mais importante que a negativa do meu pai, porque minha mãe me apoiava realmente.

L.D. – E como foi o vestibular, te lembra como eram as provas, de quando tu foste bixo no teu trote, tu chegas a lembrar?

Z.E. – Claro, a minha memória funciona um pouco, mas funciona. Eu me lembro que o Colégio Americano¹ - foi quando eu me formei no segundo grau - nós tínhamos uma assembléia depois dos vestibulares para contar para os alunos da escola como foi. Eu me lembro que a minha falação a respeito do vestibular foi a mais ouvida, porque eu falei que nós tínhamos as provas práticas e as teóricas. Nenhum outro vestibular na verdade tinha esse tipo de atividade. E todo mundo veio conversar comigo no final para saber “mas como tu tinha te preparado, como que foi isso?”. Acho que agora nem possui mais esses tipos de vestibular assim, pratico - teórico, mas foi bastante diferente dos outros.

¹ Antigo Colegio Evangelico Misto n 1, em 1889 passou a se chamar Colégio Americano.

L.D. – E quando tu entraste como foi, quais eram as cadeiras mais difíceis, como era a tua turma?

Z.E. – Cinésio.

L.D. – Cinésiologia.

Z.E. – Anatomia.

L.D. – Cinésio, cinésiologia todo mundo falou.

Z.E. – Todo mundo rodava em cinésiologia. Anatomia era uma coisa.

L.D. – E como eram as colegas, eram separadas ainda as turmas, feminino?

Z.E. – Os bixos na verdade... Nossas brincadeiras eram todas muito infantis, nos éramos todos muito diferentes dos bixos de agora. Apesar da idade ser diferente, eles entram mais jovens atualmente na Universidade, mas o nosso espírito, nossa mente era mais jovial. Nós éramos muito mais infantis nas nossas brincadeiras. Pinturas, gente correndo porque não queria ser pintado, churrasco dos bixos, aquela coisa. Uma das coisas importantes eram as turmas. Eram separadas, masculinos e femininos.

L.D. – E como se fazia para namorar?

Z.E. – Ah, isso sempre tem tempo. Mas nós tínhamos as matérias teóricas, eram juntas. Todo mundo namorava, com certeza, o namoro sempre saía. Eu nunca namorei na ESEF².

L.D. – Tu chegaste a participar do Diretório Acadêmico?

Z.E. – Eu participava sempre ajudando, eu nunca fui chapa, mas sempre ajudei muito. Tanto que, pela Federação Universitária Gaúcha de Esportes, eu fui convocada muitas

² Escola de Educação Física - UFRGS

vezes para ajudar nos jogos estudantis, tanto do JUGEFE, que era os Jogos Gaúchos de Educação Física, como no JUBEF, Jogos Brasileiros de Educação Física, como os jogos de universidades brasileiras, era federação...

L.D. – [palavra inaudível].

Z.E. – Naquele tempo era federação, FUGE, Federação Universitária Gaúcha de Esportes.

L.D. – Tu pegaste bem na época da ditadura ali, tu te lembra algum colega que era?

Z.E. – Sim, nós tínhamos bastante... Nós temos um... Eu tive um colega, não preciso revelar o nome, mas que ele foi... Ele tinha uma profissão na época... Ele foi barrado na profissão dele e não pôde ser professor exatamente por isso, porque ele estava fichado. Eu acho que nós, dentro da educação física, vibrávamos muito com a educação, porque a nossa... Nós sabíamos que íamos educar as pessoas através da atividade física que todo mundo gosta. Crianças gostam, adolescentes gostam, mas foi uma barra muito grande tu não poder ir na biblioteca e não poder escolher teus livros. Tu tinha que escolher os livros que estavam ali, que eram permitidos. Então foram 20 anos. Eu acho que eu perdi muito na minha época de faculdade nesses 20 anos por não poder ter acesso aos livros que eu queria ler e fazer as minhas escolhas. Na verdade eu gostaria de fazer as minhas escolhas.

L.D. – Vocês chegaram a perder algum colega no meio do curso?

Z.E. – Não. Eu só sei de um que foi detido e que foi fichado, ou vários, mas preso e desaparecimento não, dentro da ESEF. Dentro da UFRGS³, sim.

L.D. – Dentro da UFRGS?

Z.E. – Sim, conhecemos de outros diretórios e a gente... A nossa campanha na verdade... A ESEF sempre era tida por uma conciliadora muito tranqüila assim em todos os tipos de atividade, mas quando eu já estava me formando, os que pegaram dali para frente já eram

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

bem mais ativos, mais respeitados dentro da universidade, exatamente por não nos mantermos neutro.

L.D. – Vocês se mantinham neutros e aí...

Z.E. – Não, não, não. Na verdade nós éramos tidos como um grupo apaziguador, porque nós levávamos brincadeira, alegria, uma série. Então isso, muitas vezes, parecia aos outros diretórios que nós estávamos em cima do muro, quando na verdade não era isso, nós trabalhávamos em cima disso. Era muito mais sutil assim.

L.D. – E tu te lembras quem era o presidente do diretório?

Z.E. – Ai, nós tivemos vários. Tinha o Túlio⁴ na época, o Valter Jone dos Anjos⁵ também, foi antes me parece, não lembro bem. Depois nós tivemos o Paulinho Hollerbach⁶ que leva o nome do diretório hoje.

L.D. – Tu conheceu ele?

Z.E. – Sim, sim.

L.D. – Tu sabes como ele faleceu?

Z.E. – Ele morreu de um acidente, se não me engano, foi um acidente.

L.D. – Ele participava do movimento estudantil?

Z.E. – Ele era o presidente do diretório acadêmico na época, quando ele faleceu.

L.D. – Ah, ele era o presidente!

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Nome sujeito a confirmação

⁶ Paulo Hollerbach.

Z.E. – Mas tu sabes que eu não me lembro se ele era o presidente ou se ele trabalhava dentro do diretório. Mas tu sabes quem pode te dizer isso “certinho” é o Cassa⁷.

L.D. – O Cassa sabe.

Z.E. – O Cassa deve saber “direitinho”.

L.D. – Tu te lembras de algum fato marcante quando tu era aluna que tu queira nos contar, alguma aula onde... Algum fato assim que tu lembre, engraçado, ou que tu ficaste triste. Enquanto aluna.

Z.E. – Olha, enquanto aluna eu acho que o fato mais importante que nos aconteceu, porque eu não estou falando só por mim, foi um curso que a ESEF abriu para cegos. Um curso de massoterapia, eles não tem mais agora. Esse curso era *somente* para deficientes físicos. Ah, somente para deficientes visuais e nós tivemos algumas aulas para podermos saber tratar, porque nós não temos uma experiência diferente, inclusive tinham alguns que faziam aulas conosco, aulas práticas. Então foi muito especial esse período. Eles ficaram um ano conosco e nós aprendemos muito com eles, de saber que nós poderíamos vir a dar aula para pessoas com deficiências, que na época não havia essa preocupação, não haviam as ONGs⁸ trabalhando em cima disso, não haviam leis privilegiando pessoas com deficiência. Eu acho que foi uma experiência que jamais alguém esqueceu. Dos meus colegas ninguém esqueceu.

L.D. – Vocês usavam uniforme, não é? Como era isso, como eram os professores quando vocês não tinham... Quando estava amassado, essas coisas do tipo.

Z.E. – Eu vou falar um pouco a respeito de vivência. Os professores que foram nossos professores em 1960 eles tinham uma vivencia que não é a vivencia de hoje, que não foi a nossa. Então, esse período de disciplina, nós tivemos, os de hoje não tem, e essa disciplina era de muitas maneiras, inclusive em cima do uniforme. A meia se tu não tinha, a blusa tu... A primeira vez tu era avisada, na segunda vez tu nem entrava em aula. Então os

⁷ Mário César Cassel

⁸ Organizações não governamentais.

abrigos era assim, tu não tinha para comprar. Hoje tu vai em qualquer esquina tu vê. Aqui nessa academia tem roupas para vender. Nós não tínhamos. Comprávamos uma de algodão e ajustávamos. Eu me lembro que tinha costureira que ajustava aqueles abrigos de campo. Nós não tínhamos lycra, elanca surgiu depois. Então tudo era muito difícil, mas disciplina era muito grande. Eu me lembro que nós não podíamos conversar em aula era assim “Pode sair da minha aula”. Era bem diferente.

L.D. – Lembra de algum professor que cobrava assim?

Z.E. – O Targa⁹ era um que cobrava muito. Todo mundo vai lembrar, ele foi também diretor da escola por muito tempo. Mas, os que, realmente as pessoas temiam, eram os professores de cinésiologia e anatomia.

L.D. – Quem eram os professores? Era o Ruy Gaspar Martins?

Z.E. – Ruy Gaspar Martins. Anatomia, doutor, ai eu não lembro. Às vezes eu esqueço do meu nome também [risos]. Mas eles foram os mais temidos. O professor de anatomia não ligava muito, ele dava a matéria dele porque ele sabia que todo mundo iria rodar mesmo. Estavam conversando ou não, ele não chamava muito a atenção. Depois no final a gente via.

L.D. – E depois como professora, como foi esse concurso, tu recebeste indicação de algum professor, ou tu te lembra da formatura, vocês recebiam algum lauro, alguma coisa assim?

Z.E. – A formatura do meu grupo... Eu comecei com um grupo da ESEF e depois tranquei a matricula um ano, porque eu tinha que trabalhar e estava tentando equilibrar trabalho com ESEF e não estava conseguindo. Então eu terminei, eu me formei com outro grupo. No final eu conheci todos os grupos dentro da ESEF, foi muito legal assim. Mas a nossa formatura, nós queríamos fazer uma coisa diferente, eu nem me lembro quem era a comissão de formatura, eu sei que eu não era da comissão. Eu trabalhava em Caxias¹⁰ e

⁹ Jacintho Francisco Targa.

¹⁰ Caxias do Sul, cidade do Estado do Rio Grande do Sul

Porto Alegre¹¹, em vários lugares assim. Então essa comissão resolveu fazer uma coisa diferente e nós fizemos na grama. Saímos de dentro do salão, nosso salão de atos que era uma sala na verdade. Na época era a sala de rítmica hoje.

L.D. – A sala de rítmica!

Z.E. – Na sala de rítmica que se fazia. Então nós fizemos naquele gramado que fica em frente a secretaria ali embaixo. Ali ficaram as mesas dos paraninfos, diretores, não sei o que, e na grama eram os convidados e... Foi muito legal. Só que, em determinada hora da noite - porque foi a noite, começou a mudar o tempo - a ventania levantava folhas e areia, mas foi uma experiência muito legal. Pena que naquela época nós não filmávamos, não tinha como filmar.

L.D. – Mas as fotos tu tens?

Z.E. – Eu tenho duas fotos, que está *amarelando* e sumindo as pessoas da foto.

L.D. – Então agora assim, no período como professora, como que tu entraste, como que foi teu concurso, se tu recebeste indicação de algum professor para entrar na pós, que foi tua primeira?

Z.E. – No dia da minha formatura, em dezembro, eu fui pega na saída e me ofereceram meu primeiro emprego depois de formada. Então eu passei dois meses em Bagé¹², eu dava aula de natação na época de férias. Então fiz isso, acho que dois anos. No meio do ano eu fui pega também pelo braço por uma professora nossa, a Quintina¹³ e disse: “Zelira, tu já te inscreveste no concurso do Julinho¹⁴?”, eu digo “Não, nem”. “Não, então tu vai te inscrever. Imagina, um colégio bom naquele tempo”. Alguns colégios estaduais chamavam de [palavra inaudível] especial, então eles faziam um concurso interno para depois fazer um total, com todos outros professores. E eu me inscrevi no concurso, acho que ela que botou meu nome até, por intermédio dela, e eu passei. Eram duas vagas e eu consegui.

¹¹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹³ Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini

¹⁴ Escola Estadual de Segundo Grau Julio de Castilhos, fundado em 23 de março de 1900.

Então foi meu primeiro emprego. Me formei em 1967, 1968 já estava trabalhando no Estado. Fora isso eu já trabalhava no Israelita brasileiro e era muito mais acessível naquela época, porque não tinham professores formados, nem no IPA¹⁵ estavam. O IPA a recém engatinhando. Então não tinham professores formados e acho que, todos que se formaram, em seguida conseguiram emprego. Mas eu fiz pós-graduação na ESEF primeiro de esgrima depois tive que largar, acho que eu não conclui. Mas sempre estava estudando, estava junto, tentando os cursos que nos davam de extensão fora de Porto Alegre, em São Paulo¹⁶, Santos¹⁷. Esses cursos que a APEF¹⁸ organizava também eu fiz. Sempre me direcionando para dentro daquilo que eu tinha me preparado vinte e tantos anos. Vinte e três, vinte e cinco anos, não me lembro quanto tempo. Eu praticava ballet na época. E em 1972 eu fiz o primeiro curso de ginástica rítmica desportiva em Santos e trouxe para Porto Alegre uma escolinha de ginástica rítmica no colégio Anchieta¹⁹. A Vera Angebem²⁰ que também era aluna da escola fez o curso comigo e desenvolvia o trabalho no IPA. E dessa forma nós tivemos a primeira competição de ginástica rítmica desportiva do Rio Grande do Sul. Era América IPA e colégio Anchieta. No ano seguinte, nós fizemos, em todo Rio Grande do Sul, a primeira competição estadual escolar.

L.D. – [palavra inaudível].

Z.E. – A Vera trabalhava, acho que na Federação, e organizou... Então a gente trabalhou. Ela fez uma equipe de alunos, porque aí já tinham alunos da ESEF e do IPA e foi através disso. E em 1972 eu realmente identifiquei para que - eu tinha feito educação física - e fiquei na GRD²¹ vinte e quatro anos, quando eu me formei, quando me aposentei. Eu fui campeã brasileira com GRD três anos seguidos. Fiz muitas escolinhas, trabalhei no Peru organizando campeonatos de GRD, escolinhas. Deixei 150 atletas já trabalhando com professores que eram... A gente terminou dando os cursos técnicos lá.

L.D. – Te lembra de algum atleta que tu formaste ou que tu influenciaste?

¹⁵ Rede Metodista de Educação do Sul.

¹⁶ Cidade Brasileira

¹⁷ Cidade Brasileira

¹⁸ Associação de Professores de Educação Física.

¹⁹ Colégio fundado em 1890.

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Ginástica Rítmica Desportiva.

Z.E. – Dolores Capurro²², que foi campeã brasileira três anos seguido. Ela era uruguaia. Nós fomos no campeonato mundial, com ela pelo Uruguai e eu fui também aos jogos Pan-americanos levando essa atleta em 1991. Foi assim. A GRD na minha vida veio para suprir uma lacuna que a educação física tinha me deixado, porque eu queria trabalhar com esporte. Voleibol eu não dava porque não tinha altura naquele tempo. Basquete, eu até trabalhava dentro das federações como mesaria nesses esportes, porque eu queria trabalhar com esporte, mas não tinha campo. Não sabia com o que trabalhar e dentro da GRD foi realmente o campo que eu encontrei.

L.D. – Tu entraste no pós então para dar GRD?

Z.E. – Para dar GRD.

L.D. – Um ano era o curso?

Z.E. – Um ano, os cursos de pós eram de um ano. Eu acho que isso, dentro da administração dos cursos de pós-graduação da ESEF, deve estar registrado, eu não sei quanto.

L.D. – Quem te chamou para trabalhar no pós?

Z.E. – Professor Francisco Camargo Neto. E foi com ele também, através da Quintina, que me ofereceu um lugar para trabalhar em Rondônia²³, Porto Velho²⁴. Nós fomos dar um curso de um mês lá também. Então os professores se lembravam da gente, sabiam que a gente estava lá, que eram poucas pessoas que trabalhavam na área de ritmo fundamentos. Eu dei um tempo na escola também e terminei sendo conhecida pelos professores, colegas, tanto que, muitos empregos que recebi, iam bater na minha casa. O Anchieta, por exemplo, foi um colégio que, quando abriu para meninas, um colega meu, o professor Airton Dreier²⁵, que foi também diretor do departamento de educação física durante muito tempo do estado, bateu na minha casa para que eu montasse uma atividade dentro desse

²² Atleta da Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA)

²³ Estado Brasileiro

²⁴ Cidade Brasileira

²⁵ Nome sujeito a confirmação

departamento de educação física do Anchieta. E o professor Benno Becker²⁶ na época era diretor da escola de educação física da FEEVALE²⁷. Foi através dele que eu entrei na FEEVALE. Então nós tínhamos uma deficiência muito grande de professores, por isso foi tão acessível para nós os empregos. E teve uma época que eu tive cinco empregos para ganhar o salário que talvez hoje o pessoal ganhe em um. A gente tinha que pipocar muito realmente.

L.D. – Mas tu tens boas lembranças?

Z.E. – Olha, *com certeza*. Eu só tenho boas lembranças. Eu não... Quando se fala em salário, que o pessoal reclama muito realmente, nosso salário... Eu vi uma abertura de concurso aqui inicial para o estado, R\$ 399,00. Eu, depois de “trocentos” anos, fui ver meu salário. Meu salário real era R\$ 599,00 depois de 30 anos, se aposentar. Claro que tem triênios, avanços [palavra inaudível] não sei o que, que me ajudam um pouco mais. Uns R\$ 400,00, mas a gente sempre reclama muito do salário, dessa vivência salarial. Mas se eu pudesse separar a minha atividade do meu salário, sempre a minha atividade vencia. Durante todos esses anos, se eu pudesse voltar um segundo, ou 10 anos para trás ou 20, eu faria tudo de novo. Essa foi a profissão que eu escolhi de coração, de vivência, porque realmente eu sabia que alguma coisa estaria fazendo por aquelas pessoas que passaram por mim. E a sementinha foi plantada, porque nós, junto com a nossa atividade física, dávamos educação e muito carinho porque a vivência do professor de educação física é próxima, é perto. Não é distante. Eu não estou numa carteira atrás, na frente de um bando de alunos. Então, eu faria tudo de novo. Eu não tentei influenciar meus filhos, porque sei que o salário era muito sofrido, mas a minha filha terminou entrando na educação física e meu filho terminou se ligando em artes. Ele é músico e trabalha na Opus²⁸. Mas se nós pudéssemos realmente receber dos governantes um pouco mais de apoio e eu digo que todo mundo fala em violência. Nós sabemos o que temos nas ruas e, às vezes, dentro das nossas casas também, mas enquanto eles não reverterem todo seu pensamento para educação, não adianta por efetivo nas ruas, tirar as armas da população, porque, aquele que entrega a

²⁶ Benno Becker Júnior

²⁷ Federação de Estabelecimento de Ensino Superior do Vale dos Sinos, fundada em 28 de junho de 1969.

²⁸ Fundada em 02 de maio de 1976, trabalha com grandes nomes nacionais e internacionais do teatro, da dança e da música.

arma, é aquele que não vai usar. Então a educação é a coisa mais importante e o professor de educação física pode estar muito próximo desta camada, da juventude que termina se desviando, porque falta muito, falta amor, falta carinho, falta vivência, falta *oportunidade*.

L.D. – E como professora, como que foi a professora da graduação? Por que tu pegaste um período ali de 1970 que a escola estava transitando daquela disciplina para o que é atualmente, bem mais flexível.

Z.E. – Eu ainda lecionei no currículo antigo, bem antigo. Até porque, dentro deste período que eu estive lá, nós até fizemos algumas modificações, mas agora é outro sistema. Mas eu ainda peguei a época em que eram semestres. As disciplinas eram semestrais, quer dizer, a gama de disciplinas eram semestrais. Depois eram disciplinas individuais. Então isso modificou muito. Nós tínhamos alunos que, quando entravam na ESEF, nós formávamos a turma inteira e agora tu termina formando alunos que iniciaram não sei quanto tempo atrás, 10 anos atrás. Então isso modificou muito, o sistema de sociabilização eu acho. Na verdade, tu reconhece o aluno, mas tu não sabe nem de que turma é, onde eles estavam situados.

L.D. – Te lembra quando começou essa fragmentação, mais ou menos o período, se foi depois de 1980, foi depois de 1980?

Z.E. – Depois de 1980, eu acho que até... Em 1982 eu me lembro de uma greve que a gente teve. Foi a greve mais importante eu acho que os professores dentro da universidade... Foi a greve que nós conseguimos realmente alguma coisa, porque todas as outras greves a gente só perdeu.

L.D. – E tu participavas ativamente?

Z.E. – Sim, sempre. Porque as nossas reivindicações nunca foram soltas. Nós tínhamos um, porque era muito difícil até explicar para os alunos porque a gente estava parando. Depois nós terminamos desistindo dessas paradas, porque havia muitas perdas e sempre o prejudicado era o professor, sempre. Os alunos... Professor e aluno na verdade, porque nós

tínhamos que trabalhar nas férias. Mudava todo nosso calendário e então perdia professores e alunos e o governo permanecia intacto.

L.D. – E tu participaste da Assufrgs²⁹, da Adufrgs³⁰?

Z.E. – Sim. Atualmente eu também continuo participando da Adufrgs, porque nós temos uma reunião de aposentados, todas as quartas-feiras do mês. Então, em assembléias, a gente sempre está lá.

L.D. – Como eram as chamadas para as greves dos professores?

Z.E. – Nós tínhamos um representante em cada faculdade da Associação de docente. Nós tínhamos da Faufrgs³¹, da Assufrgs que também eram funcionários. Então a gente sempre estava por dentro e nós éramos um núcleo muito pequeno, estávamos sabendo de tudo. Eu fui muitas vezes escolhida para representar.

L.D. – Para representar a ESEF?

Z.E. – Para representar dentro da própria ESEF, fazer os alunos entenderem e nós tínhamos um grupo bem antigo.

L.D. – E todos participavam sem um tipo [palavra inaudível].

Z.E. – Não. Nós sempre tivemos... Isto é uma coisa democrática e nós não podemos sair disso. Essas escolhas, na verdade, são feitas individualmente. Eu quero participar, eu não quero e tenho as minhas convicções. Então nós sempre tivemos professores durante todos esses anos que não participaram. Em 1982, eu acho que foi, nós tivemos uma semana em que todos estavam parados. Era naquela época, acho que era mais fácil [palavra inaudível] os professores. Atualmente muitos têm outras atividades, então não param porque é a metade do salário deles ou um quarto do salário deles. A não ser os que têm dedicação exclusiva. Eu não tive dedicação exclusiva porque eu trabalhava em outros

²⁹ Associação dos Servidores da UFRGS e FFFCMPA

³⁰ Associação de Docentes da UFRGS.

estabelecimentos. Eu tinha 40 horas, 20 horas no estado. Fora isso, muito mais atividades particulares. Eu tinha a SOGIPA³², o Anchieta, a FEEVALE, eu tinha...

L.D. – Um monte de coisas que tomavam teu tempo. Tu te lembras do espaço físico de quando tu eras aluna, mudou quando tu foi professora, mudou muito a questão dos materiais para as práticas nas aulas, o que tu te lembra? Como aluna era muito difícil a prática, depois como professora facilitou a infra-estrutura mesmo da ESEF ali no jardim Botânico³³?

Z.E. – Quem vê a ESEF agora não pode imaginar o que era a ESEF antes. Só que antes os professores eram tão organizados, os professores que eu tive. Eu nunca senti falta de espaço na ESEF, porque nós tínhamos as aulas já preparadas pelos professores em determinados lugares. A gente sentia falta de material, mas nós tínhamos muito mais material dentro da ESEF do que em qualquer outro lugar. Eu saí da escola sem conhecer muitos materiais. Meus professores nunca me davam. Então era muito difícil o acesso.

L.D. – E como professora, melhorou?

Z.E. – Sim. Quando eu era professora, nós já tínhamos outra sala, a piscina que estava construída, barzinho, mas nós ainda não tínhamos aquele compêndio esportivo, aquele ginásio lindo esportivo lá. Nós tínhamos salas de aula lá embaixo, a biblioteca e depois foi construído dentro daquele ginásio do lado tem a parte de pesquisa, também não sei.

L.D. – É tinha, agora não tem mais.

Z.E. – Mudou? Também já mudou. Mas, de quando eu era aluna para quando eu era professora, já tinha uma alteração, já era bem melhor em relação a espaço físico. E agora então deve estar muito bom, porque agora também não tenho acesso a isso. Mas me parece que é bem aberto, que é bem amplo o espaço.

³¹ Fundação de Apoio da UFRGS

³² Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

³³ Bairro de Porto Alegre.

L.D. – É, bastante. E das administrações que tu passaste na diretoria, teve alguma dificuldade, alguma situação que te marcasse muito? O pessoal tem se referido muito ao período 1996 ali. 1995, 1996, um período difícil.

Z.E. – Administrativa?

L.D. – Administrativa, em relação com a diretoria.

Z.E. – Eu peguei a administração, muito parente da gente, muito família, porque todo mundo se conhecia, era turma pequeninha, era por ali mesmo. Eu fui chefe do departamento por alguns anos, por quatro anos. Eram dois anos depois renovaram a minha... E, nessa época, nós tínhamos... Conhecia muito os funcionários porque eram poucos funcionários. Quando eu saí, a minha secretaria também fez curso de graduação em história e terminou lecionando, saindo, largando. Agora é um departamento único dentro da Universidade Federal. Então me parece que as coisas se organizaram para melhorar. Eu não tenho essa experiência, mas, na época que eu trabalhei como chefia do departamento, era fácil, era acessível, só que nos faltava muita mão-de-obra, faltavam funcionários. Nós não tínhamos verba para fazer concurso. Então nós vivíamos de bolsistas e aí os bolsistas, quando estavam aprendendo, quando estava ficando melhor...

L.D. - Eles saíam?

Z.E. – Eles saíam. Então isso foi uma grande dificuldade. Eu li no jornal agora, umas semanas atrás, que o MEC³⁴ abriu, não sei para quantos professores e administrativos também, vagas para concurso. Tomara. Quando me aposentei na ESEF, eu trabalhei numa faculdade particular, na UNISC³⁵ e, com relação a material humano e físico, é uma diferença incrível. Eu pedia uma prova e ligava para lá.

[FINAL DA FITA 102/01-A]

³⁴ Ministério da Educação e Cultura

³⁵ Universidade de Santa Cruz do Sul, fundada em 1962.

L.D. – Tem algum fato marcante que tu queira lembrar como professora dentro da escola? Um fato marcante, importante, que tu queira destacar, uma vivência que tu teve e foi muito positiva, ou algum aluno que tu te lembre que te marcou nesse período, mesmo do departamento, ou como participando das mobilizações de greve assim?

Z.E. – Ah, eu me lembro de muitos alunos. Ontem mesmo me encontrei com uma aluna na rua. Eu, dez quilos maior que estou, com o cabelo pintando de branco, rajadinho e ela me disse: “Tu está a mesma cara”. Então foram pessoas que marcaram. As irmãs Guerra³⁶, a Calil³⁷, tantas outras. Eu não gosto nem de dar os nomes porque tu acaba esquecendo. Eu tive um aluno, o Aldo³⁸, que eu vejo notícias dele pelo jornal, Aldo Gonçalves, que, na época que ele estava fazendo a ESEF, ele tinha muitas dúvidas. Ele tinha medo de fazer curso de dança porque a família não iria aceitá-lo. Então ele teve muito apoio nosso e terminou optando pela dança. Eu acho muito importante que a faculdade te dê caminhos. A faculdade sempre vai falhar em muitas coisas, mas ela te dá caminhos, te dá posições para que tu possas escolher. Muitos alunos saem de lá, tantas coisas erradas: “Não era o que eu esperava”, eu digo: “Procura. A biblioteca está aí. Leia mais, aprenda mais, faculdade é para isso mesmo”.

L.D. – Em primeiro lugar, eu queria agradecer a tua entrevista e ver se eu posso ir na tua casa. Essas fotos, se tiver alguma lembrança, o próprio uniforme, para a gente combinar.

Z.E. – Claro, a gente combina.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³⁶ Nome sujeito a confirmação

³⁷ Nome sujeito a confirmação

³⁸ Nome sujeito a confirmação